

44 8R
CAROLINA MICHAËLIS DE VASCONCELLOS

NÓTULAS

RELATIVAS Á

“Menina e Moça,”

NA

EDIÇÃO DE COLÓNIA

(1559)



COIMBRA

IMPRESA DA UNIVERSIDADE

1924

J. A. Tallas da Sylva
Lista Nº 12, Nº 248



NÓTULAS
RELATIVAS Á
“MENINA E MOÇA,”
NA
EDIÇÃO DE COLÓNIA
(1559)

CAROLINA MICHAËLIS DE VASCONCELLOS

NÓTULAS

RELATIVAS Á

“Menina e Moça,”

NA

EDIÇÃO DE COLÓNIA

(1559)



COIMBRA

IMPrensa DA UNIVERSIDADE

1924



COMPRA

255868

2
76/83

Desta edição
tiraram-se 400 exemplares em papel de linho
numerados e rubricados

N.º

44

Dr. Joaquin de Lavastan

NÓTULAS
RELATIVAS Á
“MENINA E MOÇA,”
NA
EDIÇÃO DE COLÓNIA
(1559)

A INTRODUÇÃO à *Menina e Moça* despertou o interêsse de não poucos leitores. Em especial, bibliograficamente, de alguns que, por vários da sorte, são hoje donos de qualquer dos extremamente raros restos de uma das três edições quinhentistas: 1554—1557—1559.

Dois dos possuidores de exemplares tiveram a gentileza de espontâneamente me ministrar informações a respeito dos seus tesouros.

Um, o Americano John B. Stetson Júnior, Curador de Literatura Portuguesa na Harvard-University e superintendente da *Florida State Historical Society*, adquiriu, ha-

verá quatro a cinco anos, em Londres, na Livraria Quaritch, um exemplar da impressão de 1554, que tem a particularidade de nas páginas em branco, tanto do princípio como do meio e fim, conter versos portugueses, manuscritos, coevos de Bernardim Ribeiro e Cristovam Falcão. As fotografias que o erudito bibliófilo me prometeu durante a sua recente estada em Portugal, ainda não tiveram tempo de cá chegar. Logo que estiverem na minha posse, darei pormenores.

De particular valor, por se referir à edição de 1559 — nunca até hoje descrita com a minuciosidade precisa (1) — é um relatório extenso, elaborado por um ilustre luso-brasileiro com o propósito expresso de me elucidar sôbre os pontos escuros e duvidosos a que eu me referira (2). Todos os estudiosos devem-lhe sincera gratidão.

(1) Até aqui possuíamos apenas, além de notícias no *Catalogo dos Autores do Diccionario* da Academia e no *Dicc. Bibl.* de Inocência da Silva (1, 357, só em parte exactas); algumas indicações de Epifânio da Silva (*Crisfal*, p. 9, 11, 14, 18); outras pouco exactas de T. Braga (*Bernardim Ribeiro e o Bucolismo*, p. 284, 295, 346); e as de Delfim Guimarães, relativas ao exemplar que outrora foi de Gomes Monteiro.

(2) *Introdução*, p. 49-51.

Quem ouvir que o Relatório abrange umas cem páginas *in-fólio*, cheias de lições, divergentes das de Ferrara, deve necessariamente supor que o texto, tal como Arnaldo Birckman o publicou, se afasta notavelmente da redacção que devemos aos Usques e provém de outra fonte. Mas a suposição não teria base.

A impressão de Colónia deriva da de Ferrara.

As divergências são realmente muito numerosas, mas quasi sempre pouco profundas. Superficiais. *Fruto de arbitrariedades editoriais* que demonstram a tese. Meramente gráficas (*nã nam não non — ã e que — muito muyto*) ou lingüísticas (como *depois depois — são e sou — disse dixe — gram grande — reposta resposta*) elas são da responsabilidade dos livreiros-tipógrafos que no primeiro século da imprensa procediam sempre (como os autores) com certa liberdade quanto à caótica ortografia, indisciplinada pontuação, e mesmo os modos de dizer. Só de longe em longe Birckman fez tentativas de corrigir alguns dos verdadeiros erros de redacção que há na *Novela*. Inédita até 1554, ela não estava pronta e burilada, quando a luz do entendimento, já

fraca desde muito, veio a desamparar de todo o desventurado poeta numa cela do Hospital de Todos os Santos, onde acabou (1552), e assi continuou, incompleta e sem retoques, quando entrou nos prelos dos Usques.

Nas Redondilhas das Églogas, já impressas em vida do poeta (1536), o texto, em si de syntaxe simples, estava relativamente apurado. Na prosa bucólica, pelo contrário, êle é desordenado, vago, confuso, mesmo na Primeira Parte. E muito mais na última parte inacabada, nas duas impressões estrangeiras de que me ocupo. Mas também na nacional de Évora, conquanto nela fôsse algo refeito; e continuado.

O exemplar da edição de Colónia que o coleccionador Joaquim Freire possui, está admiravelmente bem conservado, segundo a opinião de conhecedores como Martinho da Fonseca e Joaquim de Carvalho: encadernado em marroquim vermelho, com ornamentação a ouro, e fôlhas também douradas. Em carta particular do dono foi-me comunicado que já pertencia no principio do século passado a seu avô paterno José Freire da Silva, da Batalha. Por falecimento dêle passou às mãos de um cunhado — cónego da Sé

de Lisboa, mas com residência em Leiria: António do Patrocínio Góis — cujo monograma (1) se vê no frontispício ao lado direito do título. Por morte dêste ficou sendo de um tio de Joaquim Freire, o Dr. Joaquim Vicente da Silva Freire, médico falecido em Lisboa, em 4 de Julho de 1915.

Desde então é propriedade do erudito bibliófilo Joaquim Freire, a quem a traça já devorou no Rio parte grande da livraria que juntara.

Façamos votos para que a *Menina* se conserve ilesa, e em Portugal!

Impressionado pelo apêlo que fiz aos felizes proprietários actuais de exemplares quinzentistas da obra, êle mandou fotografar o frontispício e o Colofon com a galinha gorda de Birckman, oferecendo-me exemplares.

E não contente com êste acto de generosidade, confrontou em trabalho assiduo a edição de 1559 com a de 1554, página por página, palavra por palavra, letra por letra, e redigiu aquele relatório minucioso, com o fim determinado de mo ofertar.

Cem páginas *in-fólio*, de bela caligrafia. Começa naturalmente com uma descrição

(1) A. P. Goes.

pormenorizada (4 pág. numeradas 71-74). Dela resulta de um lado que Birckman nada diz sobre a proveniência do seu texto. Sem preliminares, epílogos, privilégios, a *Menina e Moça* consta na impressão de Colónia, tal-qual na de Ferrara, apenas do frontispício — com o mesmo título que essa adoptara, e em cujo verso há o *Indice* das Matérias — e logo depois dessas mesmas: a *Novela* — as *Eglogas* — a *Sextina* — *Motes e Cantigas* — o *Crisfal* e a *Carta* — e o *Cancioneirito*. — Na ordem do modêlo.

Na numeração das fôlhas, à romana, há erros (1), como de costume. E divergências da numeração de 1554, por causa das emendas de passos deturpados que Birckman ensaiava e que, principiando a diminuir o texto apenas em linhas (na fl. 53), passam a encurtá-lo em meias-páginas.

A xxxvii termina em ambas as impressões em composição cônica (2), por vir seguida

(1) Há p. ex. xi, xiii, xv, em vez de xii, xiiii, xiv. — Na edição de Ferrara há cxxx em vez de cxxxiii.

(2) A repartição das linhas encurtadas é todavia diversa, facto de nenhuma importância que, como os demais, menciono apenas para mostrar que, cingindo-se ao modêlo, o impressor de Colónia conservava a sua independência.

HYSTORIA
DE MENINA E
MOCA, POR BERNALDIM
RIBEYRO AGORA DE NO-
uo estampada, e cõ summa deli-
gencia emendada.

E assi algũas Eglogas suas com ho mais
que na pagina seguinte se vera



Vendese a presente obra em Lisboa, em
casa de Francisco Grasco, araboute
de imprimir a 10 de Março,
de 1559. annos.

do Vilancete *Para tudo houve remedio*. Em ambas há também um salto de cxx a cxxv(1)—facto que prova às claras a derivação da impressão de Colónia da de Ferrara.

A Primeira Parte termina, na impressão de 1554, a fl. lvi também em forma cónica, mas na de 1559 imprimiram a frase final em linhas corridas.

O verso da fl. lxxx, última da Novela, é branco na *editio-princeps*. Na de 1559 contém, pelo contrário, as vinte e quatro linhas iniciais da Égloga 1.^a, de sorte que de aí em diante haveria nela atraso de uma página, se não fôsem as restantes irregularidades.

O salto, rectificam-no os Usques de modo que chegam no fim ao verdadeiro número das fôlhas: 167 (334 páginas). Marcando as quatro fôlhas de pseudo-excesso apenas de fl. cxxv a cxxxix voltam em seguida à cxxxvi e entram assim na ordem. Na página final

(1) Muitos mais erros de imprensa da edição de 1554 passaram à de Colónia (dos que mencionei na *Introdução* e outros), documentando igualmente a dependência da segunda da primeira. De fl. cxx passa-se a cxxv, mas só nominalmente.

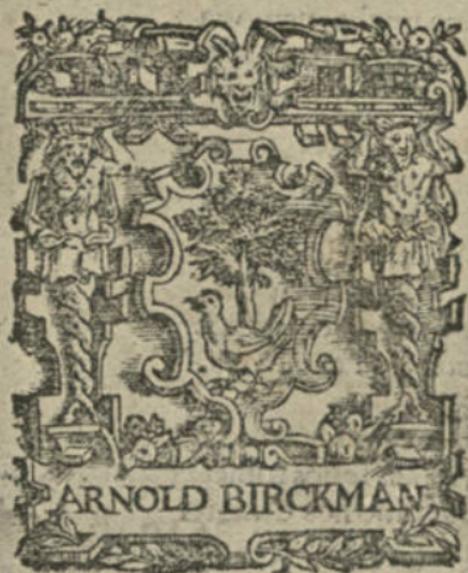
não-numerada (realmente a 168.^a), há o Alfabeto das fôlhas (de A a X) e o *Signet* dos Usques. Êsse falta, por engano da Imprensa da Universidade, na reprodução de agora — descuido que fica aqui lamentado.

Na impressão de 1559, pelo contrário, a numeração errada continua assim até o fim — fôlha 171 CLXXI, devido ao salto, sem o qual seria também 167.

Do mesmo formato, *in-8.º*, conquanto algo maiores (1), as páginas da edição de Ferrara têm tôdas vinte e oito linhas, quando completas; as de Colônia também, em regra — em 149 casos de 334; contudo, umas vezes tem mais (vinte e nove p. ex. a fl. 155); outras vezes, menos (2).

(1) Segundo a indicação do seu dono as dimensões são as seguintes: 140 × 87 capa; 134 × 84 fôlhas; 110 × 67 espelho impresso. O *signet* do frontispício 45 × 37. O do fim, diverso quanto ao encaixilhamento: 60 × 48. — As da edição de Ferrara, no exemplar de Londres: 183 × 120 capa; 143 × 106 fôlhas; 122 × 72 espelho.

(2) Vinte e sete linhas, umas 144 vezes; vinte e seis só umas 27; seis vezes vinte e cinco; duas vezes 22; uma vez 20; e uma vez apenas 18, por motivos especiais, como a entrada de versos na prosa.



Signet de Arnaldo Birckman
na ultima página da edição de 1559

Além das quatro páginas descritivas, o cuidadoso informador deu-me, como parte essencial do seu relatório, a lista completa das divergências de texto. Em setenta e quatro páginas. Ao todo composto de 3330 lances! perto de seiscentos vocábulos, cada um repetido cinco ou seis vezes, termo médio, com indicação exacta da fôlha e linha. Um trabalho de paciência beneditina. Tanto mais meritório quanto menos divertido e fecundo. Sirva de illustração o facto de só a abreviatura *q̄* ficar registada 465 vezes em frente de *que*.

Em terceiro lugar figura a Divisão da Novela em Capítulos, tal como a realizaram em Évora, confrontada com o texto corredio das duas edições estrangeiras (p. 75 e 76).

Em quarto lugar há uma tabela alfabética, representativa da desordem ortográfica da edição de 1559 (p. 77-85), enorme como a de tôdas as obras quinhentistas.

Em seguida há registo dos erros de imprensa de 1559 (p. 86-90).

Finalmente, como parte espiritualmente mais valiosa do trabalho, foi-me dado, num extracto da lista geral de divergências, o confronto dos mais deturpados passos da

editio-princeps e da maneira como Birckman tentou rectificá-los. Juntou-lhe Joaquim Freire também a forma, um tanto diferente, que lhes deram em Évora, onde André de Burgos, ou seu encarregado, emendou igualmente a *Menina* (fl. 91-100).

O cotejo do primeiro Capítulo da edição de 1557 com as duas estrangeiras é um *Apêndice* muito útil.

Minúcias bibliográficas e filológicas na verdade. Indispensáveis todavia para a fixação definitiva do texto — que já se lê muito bem, não o nego, nas edições críticas e levemente modernizadas de D. José Pessanha e Delfim Guimarães.

Como *facit*, conforme já deixei dito, resulta das diversas partes do Relatório que há *identidade na essência, entre os textos de 1554 e 1559 e em muitas particularidades* (mesmo em lapsos tipográficos), *mas diferenças gráficas e lingüísticas às centenas* ou numericamente aos milhares, segundo a moda do tempo e as tendências livres da nação: aquelas mesmas variantes e hesitações que se notam em tôdas as obras quinhentistas portuguesas: no *Cancioneiro Geral*, nos *Autos de Gil Vicente*,

nos *Lusiadas*, para mencionar apenas as três criações principais do século (1).

E aqui seja-me permitido assentar que me afasto da opinião do illustre Camonista José Maria Rodrigues quanto a o Épico haver disperso por seu poema, propositadamente, construções arcaicas e as representações gráficas tôdas dos vocábulos ainda não fixados — pelo simples motivo de as mesmas não faltarem nos contemporâneos (2).

¿Quais são? Fora de abreviaturas medievas (*p*, *pa*, *q̄*) o emprêgo indifferente de *u* e *v*; *i* e *y*; til, *n* ou *m* para designar ressonância nasal, quer no meio, quer no fim de palavras: *ã*, *an*, *am*, *ão*, *aon*, *on*, *õ*, *ũ*, *um*, sem clara distincção das origens; *c* e *ç* antes de *e* e *i*; emprêgo de *h*, etimológico

(1) Nas líricas clássicas, à maneira italiana, de Miranda, Ferreira, Bernardes, Camões, etc., a disciplina gráfica é melhor. Faltam-nos todavia reproduções fac-similadas para procedermos a um inquérito rigoroso.

(2) Vocábulos populares. — Os cultos, livrescos, greco-latinos introduzidos em grande parte por Luís de Camões, não eram do repertório bucólico. Estão todavia no mesmo caso quanto às grafias. Nos *Lusiadas* há *hemispherio*, *emisferio*, *hemisferio*, *hemisperio*.

ou não-etimológico, ou a sua supressão (*hir, hyr, ora*); confusão entre *s* e *z* (ainda com predomínio de *s*); *ç* e *ss*, *s* e *ss* (*desejo, dessejo, coussas, tivese, estivese, asa^z, posuye*); *r* e *rr* (*guerra, guera*); *g* e *gu* (*longo, longuo; ergia, erguia*). — E quanto a hesitações de pronúncia, temos p. ex. a par de *mi, mim; pera, para; ca, que; esmayar, desmayar; disse, dixei; sam, sou; preguntar, perguntar; nublado, nubrado; pobre, prove; derredor, derrador; moiro, mouro; oufano, ufano; so, sob; ambas, entrambas; prenhe, preinha; noite, noute; trouxe, trouve; deixar, leixar; alimpar, amostrar, aqueixar, alevantar*, e os mesmos verbos sem o prefixo *a*.

Se Birckman cogitou de ortografia e lexicografia, achou indiferente, como Luís de Camões, escrever a mesma palavra de modos diversos, uma vez que havia pronúncias várias, embora parecidas, como *a* e *e* átono em sílaba com *r* (*razão, rezão*); *o* e *u* (*soidade, suidade; lugar, logar*); *ea, eo* e *eia, eio* (*alheo, feo, baxo, e alheio, feio, baixo, grafados quer com i, quer com y*).

As irregularidades gráficas e de pronúncia são mais numerosas e maiores na impressão de Colónia. Só nela há *chair* por

cair; *bēis* por *bens*, e lapsos como *chamo* por *chão*; *aquim* por *aquem*; *capata* por *çapata*; *duos* por *dous*; *frata* por *farta* (1). *Mano* por *mão*, repetido, não pode ser senão um capricho; *otro* por *outro* e *miha* por *minha*, lapsos do compositor.

Passando às deturpações da sintaxe e do estilo, acho mesmo estranhável que sejam tão poucas no texto de Ferrara, e Birckman não o tenha alterado mais vezes a fim de tornar as ideas do poeta mais transparentes.

As alterações dessa espécie mal chegam a duas dúzias, contadas à larga, e incluindo nelas *poderan* por *andepoder* (*hão de poder*); *pôsto que* em lugar de um simples *que* concessivo; a introdução de um *parece* ou *segundo parecia* pelo livreiro alemão, que (salvo êrro) era um tanto inimigo de afirmar. Mas êsse estava sobretudo em desarmonia com Bernardim Ribeiro quanto ao seu pensar sôbre a fatalidade, a providência, o destino, o fado, as fadas, sombras, aparições, agouros.

(1) Troca de *tamanho* com *camanho*, essa é frequente onde quer, por causa do *t* baixo da escrita medieval.

É nos passos relativos a sonhos e prenúncios de acontecimentos futuros pelo coração pressago, vagos ou complicados quasi sempre, que o Germano, mais racionalista do que o poeta alentejano, se sentia impellido a substituir ora *Deus* por *fortuna*; ora *fortuna* por *Deus*; *fadas* por *graças*, *fados* por *pecados*, a fim de reduzir a parte fantástica do filosofar ribeiresco.

Talvez a Censura, exercida no império de Carlos V, também fôsse mais rigorosa do que a dos Duques de Ferrara, obrigando Birckman a cautelas e expedientes.

Os trechos respectivos encontram-se nos últimos Capítulos da Primeira Parte da Novela e nos primeiros da Segunda. Relativos êsses aos amores de Arima e Avalor, e aqueles aos de Bimarder, cuja vontade fôra forçada a apaixonar-se por Aónia.

Eis os principais. 1) Logo quando Bimarder, em traje de pastor, toca flauta, postado debaixo do freixo onde depois viu uma sombra e veio morrer, e depois de haver cantado o Vilancete *Para tudo houve remedio*, chora e limpa as lágrimas na aba do seu gabão de burel, o seu aspecto tristonho desperta na Ama velha, que o observa, a

suspeição de algum mistério grande (1). — E ao autor inspira as sentenças que *o que está ordenado de ser logo traz aço consigo, e os seus fados já inclinavam Bernardim para ali e para aquilo — que a ventura de cada um não se pode mudar*. Birckman tirou o ominoso têrmo *fados*, e colocou em seu lado *pecados*, sabendo ou não sabendo da paixão do poeta pela prima.

2) Na continuação (de Ferrara) ouvimos: *E como assim o viu (isto é: e como a velha Ama o visse chorar) foi-o logo dizer a Aonia, correndo. Tamanha pressa dava já A FORTUNA ao desastre*. Aqui Birckman substitui novamente o têrmo fatalista pelo católico *pecados*, no plural, embora êsse nem aqui nem em cima esteja em harmonia com a vida e a filosofia do protagonista da Novela, ou do verdadeiro Bernardim Ribeiro.

3) Desagradou-lhe também a forma *ele é aquele, como Deus é Deus*, visto que meteu em seu lugar o banal *como eu sou molher* (Ferrara, p. 83-84).

4) No Capitulo xxv (p. 106 = fl. 53), do casamento de Aónia, há proposições vagas

(1) Cap. xix. — *Parece já então* no sentido de *Parece QUE já então*.

e escuras sôbre prenúncios do coração que também não contentaram o editor de Colônia. Nelas ocorre o ainda hoje popularíssimo *o que há de ser* (1). A que diz «*Pola mayor parte o que ha de ser dá sempre primeiro nalma, e se andassemos sobre aviso ligeiramente entenderiamos tudo ou parte do que ha de ser*» — fica melhor na redacção abreviada de Birckman «*muitas vezes o que ha de ser, logo dá no coração*».

5) Na Parte II há entre os Capítulos relativos a Avalor e Arima um especialmente poético, mas também especialmente confuso e deturpado ou estropiado na *editio princeps* (o v, p. 120). Nêle trata-se do primeiro amor de Avalor por uma senhora, nobre e bela, de feições masculinas (*grandes*), mas muita graça no seu ar, da qual o rei fazia muito caso, e da segunda paixão que o assaltou, ou seja do *coup de foudre* com que o mover de olhos (2) e a mansidão de Aónia lhe tocou corpo e alma para sempre — como a um predestinado. Sonhando êle

(1) O ditado vulgar *O que há de ser tem muita fôrça* surpreende o estrangeiro que o ouve sair da bôca do povo.

(2) «Um só pôr dolhos e abaxar».

vê em aparição uma donzela delicada que lhe dirige um discurso sôbre as duas maneiras de amar que há: por *força damor* ou por *amor forçado* (1).

Algo emendado nas duas reimpressões quinhentistas, ainda ficou tão incompreensível e difícil que os dois modernos editores preferiram pôr de banda não sòmente o Capítulo inteiro, mas todos os que lhe estão ligados quanto ao entrecho, declarando-os espúrios.

Depois de falar da senhora alta que fôra objecto do seu primeiro amor, os editores apresentam o trecho seguinte, o qual já tentei esclarecer por meio de boa pontuação, que lhe faltava por completo mas ainda há de ser melhorada e aumentada: «Que a quem a visse, m. q. l. p.»:

«q̃ quem a uisse, mal que lhe pezase, *ha auia da[r] prazer* (2); mas estãdo assi Aualor no seu sonho, representouselhe ver hũa donzella vir, tam delicada que parecia nam poder viuer muito. Ella chegandose pera

(1) Por mais que medite não percebo a diferença que há entre um querer *forçado* e outro *dado por fôrça de amor*.

(2) *Sic!* — ¿Ela havia de agradar?

elle a passos vagarosos e tomandolo pella mão lhe dizia, apertandolha: caualeiro, sa-beras que ha hi vontade por força damor, e outra por amor forçado dada; podia ser isto assi se hum castello çercado se desse ao cõquistador por mais nã poder fazer [e] outro se desse soo por se querer dar, mas porem deriamos q̃ ao primeiro foi o querer forçado que deu a vontade, [e] ao outro o querer forçou a vōtade que deu; *essa he a deferença q̃ estaas cuidãdo sem se decrarara pôdo grãdes cousas por peq̃nas*(1): a outra tomoute, a Arima tu te lhe deste; tinha te hũa preso ho corpo e a outra, q̃r queiras quer nã queiras, te hade ter preso ho corpo e alma pa sempre; por soo te dizer isto parti dõde parti(2), *mas pera q̃ estas guardado da Arima*; por sonhos parecia lhe [a] Aualor hirlhe preguntar de q̃ estaua assi tã magra — de doo dela nam se podera lembrar doutra cousa — e respondeo ella nã deueras q̃rer saber a causa, por que

(1) Não chego a compreender. Porventura: *sem te declarares?*

(2) A frase está evidentemente interrompida e fora do seu lugar. Mas não fica esclarecida pelo texto de Évora. Nêle não figura Arima.

nunca has de ser mais ledó quando a souberes. Aos espiritos somos criados», etc., etc. (1).

Talvez a página mais estragada da Novela — conquanto, com a pontuação racional que introduzi, e corrigindo-se os passos confusos, sempre me parece sair estilo e idea de Bernardim Ribeiro, e só para o demonstrar, e exemplificar a minha opinião que o final da Novela foi ainda menos sujeito ao labor da lima do que a Primeira Parte, é que dei o traslado e continuo com exemplos escolhidos.

O pormenor essencial para êste artiguito é que na impressão de Colónia foram omitidos os passos grifados, incompreensíveis.

6) Em outro passo, igualmente misterioso, ou mais ainda, em que Avalor fala ao ouvido de Arima (Cap. x, p. 138), está lançada a observação *nota-se que a senhora Arima foi soo a que as fadas cõ os olhos cheos olharõ*. Birckman, por ordem dos censores ou espontâneamente, transformou as entidades sobrenaturais da mitologia celtica em *graças* clássicas.

7) Quando Avalor se afoga nas ondas do

(1) Cap. v, p. 120.

mar (Cap. xi, p. 144) ouvimos que elas *pola ventura ouverom delle piedade* — visto que o levaram a um *enseio* (enseada) em cujo areal ficou estendido — *que contam que tambem moram nas agoas cousas que guardam religiam*. Mas Birckman, para diminuir o aspecto herético do pensamento, dá ao verbo *contar* o sujeito *as fábulas*.

8) Na Égloga iv o pastor Jano, tocado de melancolia, pede a morte a Deus, mas como êle não lha desse, diz na quintilha 36 *que Deus não se importa* com os pobres pastores (p. 219) por ter que fazer coisas mais importantes:

Mas com cuidados maiores
cree que Deus se nam cura
ca dos pobres pastores —
como que elles por ventura
nam sentem laa suas dores!

O editor de Colónia, certamente por a achar também herética, suprimiu-a.

9) No *Crisfal* corta igualmente uma décima (a 88.^a), em que Maria, a das lágrimas doces, replica aos que lhe lembram a obrigação da promessa dada ao amado, que essa pouco ou nada vale, *que isso é o menos, que Deus que tudo perdoa* (p. 288). — Pelo mesmo motivo.

10) Na *Carta do mesmo* transforma Deus em *fortuna* — *nam quis Deus que a minha vida fosse pera mais que isto*, ao contrário do que fez em outros passos (l. 27) (1).

E risca as referências ao inferno e ao paraíso, imprimindo

que a vida he de hũa ora (l. 35)
 este bem sendo terreno (!)
 que quer estee em mim mesmo
 quer que estee sem juiço
 nunca me veram deviso
 daqueste tamanho bem.

Disparate banal e frouxo em vez de

este bem será eterno
 que, quer estee no ynferno
 quer (2) estee no parayso

lugar-comum poético, é verdade, mas de um arrôjo que agrada.

11) Na *Cantiga da Casada sem piedade* (p. 311) há outra frase atrevida. Segundo o poeta *não erra a Deus nem à gente quem*

(1) De admirar seria se houvessem conservado em Colónia o verso 6.º — em que o poeta classifica o *verdadeiro amor seu de seu Deus (a quem por meu Deus conheço)*. — ¿Será assim?

(2) Por lapso *que quer*.

tira de tormento a mulher que não está satisfeita com o seu casamento.

A redução de Birckman (quanto ao verbo talvez mero lapso de imprensa) *não ERA ao mundo nem a gente* pertence, a meu ver, ao mesmo grupo de rectificações de here-sias que são o característico da edição de Colónia. No fundo igual à de Ferrara — novamente o digo — afasta-se dela por alterações gráficas e lingüísticas, retoques de certas ideas, e emendas dos piores passos estropiados no manuscrito de que se serviram os Usques.

O facto de mais de uma vez haver igualdade entre os textos de 1554 e 1557, e mais de uma vez diferença — como logo no principio da *Novela menina e moça me levaram da casa de minha may para muito lonje* (1554 e 1559) e *m. e m. l. da casa de meu pai para lonjes terras* (em 1557) — mostra que os dois manuscritos (únicas fontes de que sabemos) procediam de um mesmo modelo, mas tinham sido tirados com aquele descuido que é frequente em obras portuguezas. Sem acribia filológica.

*

Um distinto lusófilo inglês, o Sr. W^m A. Bentley, historiador que se ocupa em especial das antigas Crónicas portuguesas, estudando redacções manuscritas ainda não exploradas, tomou nota dos meus desejos relativos ao *Romance* discutido de D. Bernardino. E examinou o *Cancionero de Romances* em tôdas as edições que existem no Museu Britânico, assim como na reprodução fotográfica da primeira s. a., publicada em 1914 por Ramon Menendez Pidal para o *Centro de Estudios Historicos* e sua *Junta para ampliacion de Estudios*.

Saído, s. a., mas provavelmente em 1545, em Enveres, de casa de Martim Nucio (não com a marca das cegonhas mas com a primitiva dos pelicanos que seguram um peixe), essa *editio-princeps* contém realmente, a fl. 260-263, o Romance português *Ao longo de hua (sic) ribeira que vay polo pee da serra*. Reaparece na reprodução de 1555 (Martim Nucio, com o emblema das cegonhas); na de 1568 de Felipe Nucio, em tipo um tanto diverso mas em ambas página por página; e na de Lisboa (1581, Manuel de Lyra).

Igual em tôdas as quatro impressões, o texto apresenta as mesmas variantes gráficas e lingüísticas que se notam na *Menina e Moça* — e cuja lista completa o cuidadoso informador me proporcionou gentilmente. Os compositores de Martim Nucio procediam tal-qual os de Birckman e os dos Usques, quanto à caótica ortografia portuguesa. Palavras com *til* sobretudo, causavam dificuldades ao pessoal castelhano. Eis um exemplo para amostra:

Na edição-príncipe há, tanto na *Tabla* como a fl. 260, *Ao longo de HUA ribeira*. Na de 1555, *huna*. Na de 1568, *humana*. Na de 1581, *hua* no texto, e *huna* na *Tabla*.

Igualdade na essência, desigualdades nos pormenores. Sem valor real.



L
76183

1845

1845

1845

1845

1845

1845

1845

1845

1845

1845

1845

1845

1845

1845

1845

1845

1845

1845

1845

1845

EDIÇÕES
DA
IMPrensa DA UNIVERSIDADE

(EXTRACTO DO CATÁLOGO)

BIBLIOTECA DE ESCRITORES
PORTUGUESES

SÉRIE A)

Publicado :

BERNARDIM RIBEIRO e CRISTOVÃO FALCÃO. — *Obras*.
Conforme a ed. de Ferrara. Edição preparada e revista por
Anselmo Braamcamp Freire e prefaciada por D. Carolina Mi-
chaelis de Vasconcelos. 2 vols.

Em papel de linho 60,000

No prélo :

SILVIA DE LISARDO.

LIVRO DAS CANTIGAS D'AMIGO. — Colecção de poesias dos seculos XII,
XIII, e XIV, organizada e prefaciada pelo Dr. José Joaquim
Nunes.

SÉRIE C)

No prélo :

P. ANTONIO VIEIRA. — *CARTAS*. Ed. revista e anotada pelo
Sr. Lucio de Azevedo.

Fr. HEITOR PINTO. — *Imagem da vida christã*. Rev. e pref.
pelo Dr. Joaquim de Carvalho.

DISPERSOS, de Camilo Castelo Branco. Compilação e notas do
Dr. Julio Dias da Costa.

JORGE FERREIRA DE VASCONCELOS. — *Memorial das
proezas da segunda Tavola redonda*. Conforme a 1.^a ed.
Rev. pelo Dr. Alberto Feio.

Em preparação :

ALMEIDA GARRET. — *Discursos parlamentares*.

RUY GONÇALVES. — *Dos privilégios e prerogativas que o genero
feminino tem por direito comú e ordenações do reino mais que o
género masculino*.

RODRIGUES LOBO — *Eglogas*.

BALTAZAR ESTAÇO. — *Sonetos, Canções e Eglogas, e outras
rimas*.